

# Catadores do Lixão resistem a trabalhar em usina do SLU

Fabiana Tahan  
Da equipe do **Correio**

Vestidos com roupas surradas, eles quase se confundem com a grande montanha de lixo a céu aberto, conhecida como lixão da Estrutural. Não usam luvas, têm que suportar o mau cheiro, trabalhar sob o sol que não dá sossego. Apesar das condições subumanas, os 433 catadores de lixo agradecem por terem a oportunidade de ganhar a vida ali, no meio das moscas, urubus e máquinas.

Hoje, só quem tem o crachá cedido pelo Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal (SLU) pode passar do portão e da cerca que protegem o aterro. A intenção é evitar que mais catadores cheguem ao Lixão.

Se antes eles podiam escolher quando e a que horas trabalhar, agora é diferente. Os fiscais do SLU controlam a frequência de cada um. Os catadores que tiverem mais de 30 dias consecutivos de faltas não justificadas, perdem o direito ao crachá. À noite, o acesso é proibido. "Na verdade, são 433 cadastrados, mas o número de pessoas que realmente trabalha aqui é bem menor", aponta o chefe do aterro, Almir Dall-Astta. A idéia é detectar quem realmente precisa sobreviver do lixo, para que o governo possa arrumar outras ocupações para essas pessoas.

## TRANSFERÊNCIA

Até agora o SLU conseguiu transferir 300 ex-catadores do aterro para as usinas de tratamento de lixo, que ficam em Ceilândia e na Asa Sul. Nesses dois lugares eles trabalham seis horas por dia, sob um teto que protege do sol e da chuva e podem tomar um banho antes de ir para casa. O transporte é garantido pelo órgão.

Como faziam no Lixão, nas usinas eles também separam o lixo que depois é vendido para indústrias. O dinheiro arrecadado é dividido entre todos os participantes, que ganham, em média, um salário mínimo e meio por mês.

"O pessoal das usinas reclama que arrecada menos do que nós", diz José Fernandes Silva, 38 anos, referindo-se aos ex-colegas do Lixão. O piauiense é desconfiado. "Nunca fui a essa usina, mas se é como dizem, não quero ir. Só que desempregado não tem domínio, não tem escolha", resigna-se.

José pode nem conseguir ser transferido para a usina. Há seis meses, ele deixou de ir ao Lixão para fazer um tratamento dentário. Resultado: perdeu o direito ao crachá. "Vou correr atrás para tentar trabalhar aqui de novo", avisa José, que não quer outro emprego.

Outras possibilidades de ocupação para os catadores são estudadas no Projeto de Execução Descentralizado (PED), do SLU. Cerca de 250 catadores aprenderão a trabalhar com criação de minhocas, produção de grama e em plantações de mamona.

A empresa sabe que não será fácil convencer os catadores a largarem o ganha-pão. "Tem gente que não se adaptou com o horário rígido, que acha que ganhava melhor no Lixão", admite o chefe da divisão de aterros, Neuber Rodrigues. "Mas aqui não é lugar para ninguém, é um trabalho pernicioso para qualquer ser humano. O que pretendemos fazer é ressocializar esse pessoal", defende.